

A representação da mulher na imprensa belorizontina 1895-1903 *

Marily Gonçalves Bicalho **

RESUMO

O trabalho busca captar a representação da mulher na imprensa белорizontina, de 1895 a 1903, com o objetivo de compreender sua correlação com dois grandes modelos de mulher: um propagado pelo positivismo e o outro pela Igreja Católica. A República instalada no Brasil pretendia uma separação Igreja-Estado. O texto tenta compreender o imaginário construído acerca da mulher e perceber o jogo de aproximações, conflitos e distanciamento entre o âmbito religioso e o laico.

Descritores: Representação da mulher na imprensa, História da mulher, imprensa белорizontina de 1895 a 193.

ABSTRACT

This paper tries to identify women's role in the press of Belo Horizonte, from 1895 to 1903. Its objective is an attempt to understand the relation between two major standards of female: one is stimulated by the positivist thought and the other by the catholic church. The Republican model installed in Brazil at that time had in mind the separation between church and state. The text also tries to understand the model of women built up by the press and to realize the approaching game, the conflicts and the distance existing between the religious and the laic standards.

Descrivers: Women's role in the press, History of women, Belo Horizonte's press from 1895 to 1904

* Este texto foi elaborado a partir da monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do bacharelado em História na UFMG.

** Agradeço às companheiras do GEHEM que fazem das reuniões um rico espaço de interlocução. Em especial, agradeço à professora Eliane Marta S. Teixeira Lopes, minha orientadora, pelas leituras atentas, pelas críticas e pelo incentivo.



Fonte: *O espírito das roupas. A moda no século dezenove* - Gilda de Mello e Souza - 1987

Introdução

A historiografia tradicional excluiu de seus relatos as mulheres. Trancando-as na privacidade do lar, a história ocupava-se apenas de assuntos considerados maiores: a política, as guerras, as questões diplomáticas.

"O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou "mental", ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade."

(PERROT, 1988, p. 185)

Também o material que os historiadores usam (arquivos diplomáticos ou administrativos, publicações oficiais periódicas, documentos parlamentares...) é produto de homens que têm o monopólio da escrita e o poder da palavra - a mulher é observada e descrita pelo homem: um olhar masculino, uma história masculina.

Um desejo de ampliar as perspectivas historiográficas tradicionais e mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana vem sustentando o esforço de alguns historiadores e historiadoras nestes últimos anos. Um grande desejo move esses pesquisadores no sentido de revelar e fazer reconhecer que a história é sexuada.

Temas como família, infância, sexualidade e mulher têm sido objeto de estudos e pesquisas que trouxeram novos elementos para a discussão e têm contribuído para se construir um outro olhar histórico.

Essa discussão pode ser enriquecida a partir da análise da representação da mulher nos jornais. Algumas perguntas despertam logo o nosso interesse:

- Como vivia a mulher em Belo Horizonte?
- Que fazia?
- Que pensavam sobre ela?
- Que escreviam sobre ou para ela?

Para compreender essas questões utilizamos como fonte histórica os jornais de Belo Horizonte. A seleção do jornal como documento básico mostrou-se significativa. Em primeiro lugar por constituir uma fonte histórica bastante completa e complexa, já que nele convergiam posições e opiniões diversas e representativas. Por outro lado, o próprio momento histórico abordado é também marcado por um confronto/convivência de modelos, idéias e paradigmas: o positivismo, a euforia republicana, a modernidade.

Os jornais prestam-se a múltiplas formas de estudo, e sob sua aparência familiar, eles constituem uma fonte praticamente inesgotável. O jornal não é somente uma fonte de informação sobre o que está acontecendo, ele é também uma fonte histórica em si: os artigos redigidos, os assuntos que eram privilegiados, as imagens, os desenhos, o estilo, o vocabulário os tipos e a diagramação, tudo isso tem algo a nos dizer.

Portanto, tendo como pressuposto que o ato de escrever não se limita a simplesmente revelar um conhecimento, a nossa postura diante dos jornais foi a de apreender, neles, não apenas a expressão verdadeira de uma época, mas, antes, uma das maneiras como segmentos localizados, relevantes e MASCULINOS da sociedade produziam, refletiam e representavam percepções e valores da época acerca do FEMININO.¹

1. Algumas considerações acerca da imprensa belorizontina (1895-1903)

A história da imprensa em Belo Horizonte inicia-se com uma coincidência bastante notável: o primeiro periódico de Minas Gerais, assim como o primeiro periódico de Belo Horizonte, foram ambos fundados por padres. Em 1807 o padre José Viegas de Menezes iniciava, em Vila Rica, a atividade tipográfica na capitania das Minas e, anos mais tarde, 1895, outro padre, Francisco Martins Dias, é o pioneiro da imprensa em Belo Horizonte.

Logo depois da decretação da mudança da capital e do início das obras de sua construção, Curral d'El Rey conheceu a imprensa, com a publicação do jornal BELLO HORIZONTE, em 07/07/1895.

Começa aí a história de uma imprensa que, em seus primeiros anos de vida, foi incipiente, provinciana, mas que nem por isso deve ser desprezada. Ao contrário, devemos lembrar-nos do importante papel por ela cumprido como veículo de expressão e divulgação de idéias, junto à população da cidade no início do século.

Da iniciativa pioneira do padre Francisco Martins Dias com o BELLO HORIZONTE, até o ano de 1903 nada menos que quarenta e cinco jornais circularam na capital mineira.

1 Todos os jornais analisados possuíam apenas homens em seu quadro editorial

É evidente que muitos desses jornais tiveram uma vida curta e efêmera. Alguns ficaram apenas no primeiro número, outros resistiram um pouco além, mas o entusiasmo de seus editores e todos os seus esforços não eram suficientes para evitar a breve morte de seus jornais e de seus sonhos.

É preciso ter em mente que esses periódicos eram empresas individuais, quase uma aventura, um sonho de um grupo de beletistas (literatos chamavam-se beletistas, na época), ou de republicanos apaixonados.

Quando se deu a mudança da capital, havia aqui cinco jornais para uma população de menos de quinze mil habitantes. Só no ano de 1900, Belo Horizonte presenciou o aparecimento de quatorze novos periódicos. Tais números não deixam de causar admiração, até se chegar à surpreendente cota de quarenta e cinco jornais em apenas nove anos.

Apropriada maneira de fazer jornal reflete bem o caráter rústico, quase artesanal. Bastava uma tipografia. A ausência de linotipos e máquinas de imprimir planas completavam o quadro um tanto improvisado da imprensa local. Apenas o jornal MINAS GERAIS possuía os linotipos: afinal, este era o órgão oficial do Estado.

Os jornalistas, cheios de idéias, ansiosos por colocá-las no papel, eram logo chamados para escrever e faziam isso por prazer, pois ordenado não recebiam, ganhavam o que era possível ao dono do jornal pagar...

Ao manusear esses jornais, uma característica logo nos salta aos olhos: o tamanho dos jornais. Acostumados hoje com grandes jornais, de diversos cadernos, não imaginamos como eram no início do século, na sua grande maioria pequenos - quatro páginas com quatro colunas. Os jornais diários, um pouco maiores, possuíam cinco ou seis colunas, além de folhas um pouco maiores. Nessas folhas, quase não existiam ilustrações, os escassos desenhos encontrados acompanhavam algumas poucas propagandas de empresas maiores - anúncios de seguradoras, de cerveja ou de remédios miraculosos da "moderna indústria farmacêutica".

A periodicidade dos jornais variava conforme a direção e as próprias possibilidades de cada um deles. Alguns circulavam diariamente, como o JORNAL DO POVO ou o DIÁRIO DE MINAS. Havia ainda jornais semanais, como a TRIBUNA CATHÓLICA, mas em geral eram folhas quinzenais.

Na verdade, essas folhas quinzenais eram os chamados jornais literários. É preciso destacar a grande quantidade desse tipo de jornal. A primeira folha literária foi a AURORA, em 1896, e dessa data até 1902, nada menos que vinte outras apareceram, avolumando assim as publicações da imprensa literária. Com pequena tiragem (em média duzentos exemplares) e circulação quinzenal, esses jornais duravam muito pouco: eram raros os que resistiam seis meses.

Não é apenas o tamanho ou o formato dos jornais o que nos chama a atenção, mas também sua diagramação. A primeira página desses jornais era repleta de matérias, uma seqüência infundável de palavras, disputando entre si o pequeno espaço disponível.

Hoje em dia, a imprensa utiliza-se cada vez mais das imagens para comunicar suas mensagens, mas os jornais daquela época não dispunham de tais recursos e a narrativa era o recurso que possuíam. Talvez por isso a palavra assumisse uma importância particular. De maneira geral, era refinada a linguagem e freqüente o uso de expressões ou citações em língua estrangeira, sobretudo em francês. Muitas vezes nota-se uma aproximação da linguagem jornalística com a linguagem literária. Isso é ainda mais visível em uma coluna do DIÁRIO DE MINAS denominada "MODA".

A variedade de tipos dava o tom da diagramação, de modo, a chamar a atenção dos leitores. Os olhos percorriam atentos cada coluna do jornal e as pessoas tomavam conhecimento do que

ocorria: os aniversários, o movimento dos Correios e do matadouro municipal, as nomeações de delegados e o lançamento de novos periódicos, sendo possível até mesmo inteirar-se das manchetes dos principais jornais do País e do mundo. Procurando retratar a vida de uma cidade com apenas poucos anos de existência, tudo se transformava em notícia: dos atos do Secretário do Interior a uma lâmpada queimada, num poste da rua da Bahia.

O espaço da propaganda é outro elemento muito interessante na imprensa belorizontina. Anuncia-se de tudo e oferecem-se os mais diversos serviços: manteiga, chapéus, barbearias, confeitarias, serviços de advogados, comissionários de café, colégios e os mais atraentes artigos vindos da Europa.

Essas são algumas das características dos primeiros anos da imprensa belorizontina: aventuras isoladas, empresas individuais, os periódicos possuíam divulgação restrita (a maior tiragem pertencia ao DIÁRIO DE MINAS com seus três mil exemplares) mas capazes de atingir a quem deveriam atingir.

2. Clotilde de Vaux e Virgem Maria: dois ideais de mulher.

Para ler a representação da mulher na imprensa belorizontina, lançaremos sobre os jornais dois olhares, identificando dois modelos de mulher: o do Positivismo e o da Igreja Católica.

Na escala de valores positivistas, a Humanidade vem em primeiro lugar, representada idealmente por uma mulher. Comte julgava que somente o altruísmo poderia fornecer a base para a convivência social na nova sociedade sem Deus. O altruísmo é a máxima moral do Positivismo - VIVER PARA OUTERM -, e a mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade.

"O símbolo perfeito seria a Virgem-Mãe, por sugerir uma humanidade capaz de se reproduzir sem a interferência externa. Comte chegou mesmo ao ponto de especificar o tipo feminino que deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços. Manifestou mesmo o desejo de que o rosto de sua adorada Clotilde de Vaux fosse utilizado como modelo e aparecesse em todas as bandeiras ocidentais."

(CARVALHO, 1990, p. 81)

Os positivistas brasileiros, seguindo os passos do mestre Comte, também procuraram construir todo um imaginário em que a mulher aparece com grande destaque. A ativa propaganda do Apostolado Positivista do Brasil não deixou de se interessar por tal questão e, em novembro de 1908, no Instituto de Música do Rio de Janeiro, Teixeira Mendes realizou duas conferências sobre o assunto: a primeira teve por título **A Preeminência Social e Moral da Mulher segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positivista**, e a segunda, **A Questão Social segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva**.

O discípulo não se afastou uma linha da palavra do mestre. Depois de uma longa dissertação sobre o desenvolvimento e as características da ciência positivista, chega Teixeira Mendes, finalmente, ao assunto, indagando a respeito da separação entre os sexos. Ele mostra que o sexo que corresponde ao masculino representa a aptidão maior de modificar o meio em proveito da espécie, é o "fator industrial"; o sexo que corresponde ao feminino concentra em si, no mais alto grau, a aptidão de modificar a espécie, é o "fator moral". Esse fator moral prepondera na reprodução e por isso o homem descende de sua mãe.

Assim como Comte, o positivista brasileiro reserva à mulher a tarefa de elevar o espírito do homem e levar a humanidade à paz

social, dada a sua maior aptidão para modificar a própria natureza humana.

Teixeira Mendes termina a sua conferência afirmando a preeminência social e moral da mulher.

"Demos ao homem a consciência da sua missão, à Mulher a consciência de seus deveres.

Coloquemos a Mulher na sua função de mãe de família, de filha, de irman, de esposa: é seu verdadeiro destino a formação do homem; e para isso é preciso que o homem cada vez mais se aperfeiçoe, de maneira a transformar a Terra num verdadeiro Paraíso"

(MENDES, 1920, p. 93-94)

A Igreja Católica também aparece como produtora de uma imagem de mulher e atribuidora dos papéis que lhe cabem. O modelo de mulher propugnado pela doutrina católica é a Virgem Maria, que vem resistindo bravamente ao longo dos séculos.

A certeza de que a Virgem Maria é o modelo ideal de mulher para a Igreja nos vem através das palavras do Papa João Paulo II, autoridade católica incontestável, expressa em uma Carta Encíclica dedicada à "Mãe do Redentor".

"Como Virgem e Mãe, Maria permanece um "modelo perene" para a Igreja."

(JOÃO PAULO II, 1989, p. 81)

A devoção mariana foi introduzida no Brasil pelos jesuítas que, em 1586 fundaram os primeiros núcleos de "Congregações Marianas" e, a partir daí, ela cria raízes profundas na cultura brasileira e na religiosidade popular, suscitando novenas, procissões e cerimônias religiosas, erguendo igrejas e capelas sob as mais diversas invocações: do Carmo, da Boa Morte, do Ó, da Ajuda e muitas outras.

Nossa Senhora é representada como mulher e mãe capaz de compreender a debilidade humana, restituir a esperança e a confiança, sobretudo aos marginalizados da sociedade. Isto parece confirmar-se pelos títulos conferidos a Nossa Senhora pelo devocionário popular. Os títulos marianos chegam a dezenas. MEGALE (1986) enumera cento e doze: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora Virgem dos Pobres, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do Livramento, da Piedade, dos Impossíveis, da Ajuda, Auxiliadora, da Medalha Milagrosa, do Bom Sucesso, das Mercês, Consoladora, do Bom Fim, etc.

A devoção a Nossa Senhora, no Brasil, mostra-se nos nomes de diversas paróquias que são consagradas a algum título mariano ou nos nomes de cidades, hospitais, orfanatos e colégios, que trazem invocações as mais diversas a Nossa Senhora. Devoções há muitas, algumas de profundo teor teológico: o terço (são dez Ave Marias rezadas para cada Pai Nosso) e a ladainha de Nossa Senhora, rezas quase obrigatórias nas casas e famílias católicas. E qual de nós não conhece uma menina, uma mulher com nome de Maria? Maria da Glória, Maria das Graças, Maria de Lourdes, Maria Aparecida ou simplesmente Maria? Isso sem falar nas festas, procissões ou no mês de maio, inteiramente dedicado à Virgem.

Maria é a MÃE que cuida com carinho de todos os seus devotos em cada momento de sua vida: Nossa Senhora do Desteio

e Nossa Senhora dos Navegantes protegem os que empreendem viagens perigosas; Nossa Senhora do Parto, do Bom Sucesso e da Natividade ajudam no parto. É também Ela quem olha por seus filhos nos momentos finais da vida: Nossa Senhora do Bom Despacho, da Boa Hora, da Boa Morte, garantem morte na graça de Deus, e Nossa Senhora do Carmo e do Rosário garantem rápida passagem pelo purgatório. A devoção a Maria liga-se a dois aspectos fundamentais: primeiro, a busca de proteção contra os perigos da vida no colo confortante da Mãe, e depois uma real identificação do povo com Maria.

Vimos, portanto, de maneira bastante rápida, os elementos constitutivos dos dois modelos de mulher: o modelo propugnado pela Igreja Católica, que encontra em Maria o seu arquetipo e o do Positivismo, que idealiza a mulher atribuindo-lhe papéis, tendo como musa inspiradora Clotilde de Vaux. De um lado a fidelidade sem limites, a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos, o amor e a fé cristã; de outro o altruísmo, a superioridade moral e a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão. Mas em ambos, os papéis reservados às mulheres são os de esposas, filhas dedicadas e mães carregando nos braços o filho.

3. A representação da mulher nos jornais de Belo Horizonte 1895-1903²

3.1. A mulher idealizada: maternidade e doçura

Em poemas, pensamentos e crônicas, a mulher aparece cantada em verso e prosa como a grande musa inspiradora: a mãe, a donzela cristã, ambas cobertas pelo manto azul e abençoado da Virgem, pura e amorosa Mãe celestial - Nossa Senhora.

BUITONI (1981) nos fala desse eterno feminino:

"um chavão que tenta imobilizar, no tempo, as virtudes clássicas da mulher (...) qualidades quase abstratas: maternidade, beleza, suavidade, doçura."

(BUITONI, 1981, p. 04)

A mulher então idealizada por poetas - romântica, doce, rosinho de boneca, alegre, olhar tímido e ingênuo - encanta os corações apaixonados dos homens.

Para exaltar a beleza física da mulher e a nobreza de seu caráter, os poetas não medem esforços, recorrem a inúmeros adjetivos e às mais variadas metáforas.

O poema abaixo, retirado do jornal O ENSAIO de 20/03/1900, ilustra bem esse esforço:

"A mulher

Aos 12 anos é uma crisálida que espera a luz do amor para tornar-se doirada borboleta.

Aos 13, é um poema lírico em que falta a última estrofe.

Aos 14, é um hino de harpa (?)

Aos 15, é um astro em torno do qual rodopiam a graça, a harmonia e o amor.

Aos 16, é uma estatua de Madona, que procura um coração de homem para dele fazer seu altar.

Aos 17, é um cofre adamantino que guarda ALGUMAS JOIAS.

Aos 18, é uma poetica noite de estilo, iluminada pelo doce clarão das estrelas..."

O poema segue exaltando a mulher até os vinte e cinco anos. Ela é a qualidade das qualidades, o máximo de beleza e harmonia, o que há de mais belo na natureza ou de mais perfeito nas artes.

Contudo, é com a maternidade que alcança a sua plenitude, aproximando-se ainda mais do grande ideal: a VIRGEM MARIA.

2 Sem buscar um conceito único e definidor, a intenção foi a de registrar e tentar interpretar a própria diversidade de concepções, reconstituindo o modo como os HOMENS falavam sobre as MULHERES, ou seja, o modo como os HOMENS, em seus jornais, representavam a MULHER.

Afinal, a maternidade é central na definição do feminino e até mesmo na definição da mulher.

A imagem idealizada da mãe vai emergindo pouco a pouco numa mistura de amor incondicional, trabalho e benção divina. A boa mãe é terna, aconchegante, dedicada, amorosa e equilibrada.

"Toda a poesia do lar doméstico está concentrada na mãe. Ella expressa, o ideal do amor divino baixado ao coração de mulher."

(A FORMIGA 01/11/1900)

Amor incondicional, benção de Deus: para completar o quadro de absoluta divinização da mãe, um outro elemento vem juntar-se aos demais - o espírito de sacrifício e abnegação. O amor materno parece então como o mais generoso de todos os amores, dá muito, recebe pouco e alimenta-se de si mesmo. A boa mãe viverá para o filho:

"Todo o bem que a mãe goza é bem do filho, espelho em que se mira afortunada, luz que lhe põe nos olhos novo brilho! Ser mãe é andar chorando num sorriso!"

(DIÁRIO DE MINAS 31/12/1899)

A mãe alimenta, acaricia e... ensina. Ela deve ensinar como exemplo a moral, e educar seus filhos, trabalhando em prol do aperfeiçoamento da humanidade.

"A mãe é a grande influência do universo, porque sobre os seus joelhos se forma a sociedade. A mãe é a alma da sociedade."

(A FORMIGA, 01/11/1900)

3.2. A mulher ridicularizada: burra e faladeira

A mulher é também motivo de chacota nas rodinhas de homens e nas páginas de seus jornais. Se nos poemas a mulher idealizada recebe os mais nobres adjetivos, aqui também não são poupadas palavras para exaltar os perigos, as falsidades e a incapacidade da mulher de pensar.

A idéia de que as mulheres falam demais está fortemente impregnada no imaginário coletivo. Até hoje as mulheres são associadas à língua de trapo, faladeira, lavadeira, fofoqueira. No senso comum, a mulher é tida como curiosa, bisbilhoteira, incapaz de guardar segredos ou é mesmo aquela que sente prazer em falar.

"Marido (que levara a mulher para ver uma casa que pretendia comprar). - Então, que te parece?"

Mulher - Magnífico! É tão linda a vista que até fico muda diante desse panorama.

Marido - Nesse caso está fechado o negócio. Compro a casa e mudamo-nos hoje mesmo para aqui."

(DIÁRIO DE MINAS 25/03/1899)

Mas é a sua pretensa incapacidade de pensar, de fazer contas matemáticas, que é freqüentemente motivo de riso por parte dos homens. "A mulher é um animal de cabelos longos e idéias curtas", diz Schopenhauer

"No comunisariado de polícia

- Que quer vossemecê, mulherzinha?

- Venho queixar-me a V.S. dos maos tratos que me dá o meu homem.

- Então elle lhe bate?

- Saiba V. S. que sim.

- E com que pretexto?

- Não é com um PRETEXTO é com um pau."

(DIÁRIO DE MINAS 13/08/1900)

As moças solteironas, as titias, são, também, freqüentemente, motivo de piadinhas. Afinal, o casamento representava lugar de destaque na vida da mulher e no imaginário coletivo da época, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha de se conformar com a amargurada vida da solteirona: bordados, sobrinhos, aulas particulares... A insatisfação e o temor das solteironas mostram o valor do casamento e a frustração causada por sua falta.

"Verso de senhorita

99... hoje é teu dia

tu, anno velho vaes findar,

mais um que vae, quem tal diria?

e eu até hoje sem casar...

Que medo tenho de ser TIA!"

(JORNAL DO POVO 31/12/1899)

3.3. As mulheres no mundo: notícias de jornais do exterior

Das notas que os jornais belorizontinos traziam, por vezes, sobre a imprensa internacional - suas manchetes ou mesmo uma qualquer matéria interessante - encontravam-se notícias várias: a entrada de mulheres nas lojas maçônicas da França, o milagre do casamenteiro Santo Antônio, em Lisboa, ou o espantoso número de 8.269 alunas de medicina inscritas nas escolas e faculdades francesas.

"De Florença, na Itália, noticiam o seguinte caso, verdadeiramente sensacional:

Duas mulheres casadas, encontrando-se no Hotel Roma, daquela cidade intretiveram durante longo tempo uma pela outra singular e extremada paixão de fazer lembrar os tempos lesbicos. Tendo disso conhecimento os respectivos maridos, procuraram estes separal-as, pelo que as duas resolveram morrer, queimando numa alcova fechada grande quantidade de carvão. Chamavam-se Josephina Gianeti e Olympia Romali e foram encontradas já mortas estreitamente abraçadas."

(O COMMERCIO DE MINAS 27/??/1902)

Por que esta notícia em um jornal belorizontino? Obra do acaso? É importante lembrar que O COMMERCIO DE MINAS, em que a encontramos, é um jornal escrito por homens para um público essencialmente masculino. Acreditamos que não foi por obra do acaso que tal notícia apareceu em um periódico de responsabilidade da Associação Comercial de Minas. Em um momento de constituição da família moderna era necessário uma maior vigilância sobre a conduta de cada um de seus membros, principalmente sobre a conduta feminina e sobre sua sexualidade. Era necessário, pois, alertar o homem para a importante tarefa de zelar pela "honra" da família.

3.4. A saúde da mulher

A questão da higiene e da salubridade é uma constante na época. A ciência é o grande mito do século XIX. Na Europa, as novas teorias científicas "iluminavam" o pensamento da época, questionavam valores, abriam, mais uma vez, a "ferida narcísica" da humanidade (desta vez com a teoria da evolução de Darwin).

O Brasil não fica fora dessa "euforia científica". Na virada do século XIX para o XX, a palavra de ordem era "civilizar", isto

é, ficar em pé de igualdade com a Europa. Ganham força, nessa época, as reformas urbanísticas, os discursos oficiais pela educação, os projetos de colocar a medicina ao alcance da sociedade.

Essa preocupação com a saúde está presente nos jornais belorizontinos, através dos anúncios dos médicos da cidade e dos inúmeros produtos da mais nova indústria farmacêutica, que ocupavam grande parte do espaço reservado à propaganda. E, é claro, as mulheres são uma preocupação constante dos avanços da medicina. Tal preocupação tem endereço certo: a maternidade. Anúncios de médicos parteiros e vinhos tônicos são os mais freqüentes:

"VINHO TONICO

Reconstituente de quina glicerina, noz de kola e lactophosphato de calcio. Nenhum medicamento reúne meios mais consumados de melhor reparar as forças enfraquecidas pela gestação, aleitamento (...) do que o vinho reconstituente de ABREU SOBRINHO. É recomendado pelos melhores médicos desta capital. Vende-se na PHARMACIA DO ABREU."

(DIÁRIO DE MINAS 13/04/1899)

É interessante notar a crença, comum naquela época, de que as mulheres enfraqueciam-se durante a gravidez, por isso encontramos um número surpreendente de produtos "contendo elementos capazes de robustecer as mulheres em pouco tempo".

Reguladores de menstruação, pomadas contra assaduras do calor entre as coxas das senhoras, tônicos para embelezar os cabelos das damas e até remédios contra doenças venéreas.

"Flores brancas ou leucorrhœa - É de efeito prompto e benéfico nesta molestia tão comum entre as senhoras, o xarope balsâmico e adstringente de sambahyba preparado por ABREU SOBRINHO. Vende-se na PHARMACIA ABREU."

(A CAPITAL 12/08/1897)

3.5. A mulher violada: estupro, espancamentos e assassinatos

Além das notícias políticas, dos contos, do editorial e dos anúncios, compunham ainda o jornal as notas policiais. Essas notas aparecem, não na forma de uma seção, mas diluídas no jornal. Por elas penetramos num mundo pouco angelical e ficamos diante do mundo marginal de Belo Horizonte. Aqui também encontramos as mulheres e as mais diversas ações violentas.

É importante ressaltar o número surpreendentemente elevado desse tipo de notícias que encontramos nos periódicos belorizontinos.

A maioria dos conflitos entre homens e mulheres resolviam-se no foro doméstico ou nos quartos anônimos de amantes. As conveniências, as aparências e o medo dos comentários silenciavam os confrontos. Não se expor ao ridículo, evitar focos e comentários, "lavar em casa a roupa suja" eram os preceitos de uma moral cristã que colocava na unidade e harmonia da família os pilares da vida e da ordem social.

Mas, as vezes, as discussões e brigas entre as mulheres e seus amantes, maridos ou companheiros saíam dos quartos e ganhavam as ruas, o público e as páginas dos jornais. As mulheres eram espancadas com violência, por fazerem gastos excessivos, porque a comida não estava pronta, para descarregar a raiva de homens bêbados ou, ainda, por infidelidade e traição. Não era raro encontramos notícias de espancamento de mulheres por seus homens em plena praça pública.

A conformidade e fidelidade da mulher eram comportamentos esperados, senão exigidos, e as transgressoras eram

duramente repreendidas. Em uma sociedade eminentemente católica, o adultério (feminino) era algo inadmissível pois a honra da família (leia-se do homem) devia ser sempre limpa, contando para isso com o apoio e o consentimento da sociedade.

A imprensa da época apresenta o homem como o fiel marido abandonado, a mulher como a infiel pecadora e o resultado já era o de se separar...

"Espancamento

João Fernandes de Oliveira cabo do esquadrão de cavallaria da Brigada e ordenança do sr commandante geral, é um praça antigo e de conduta exemplar.

Casado, foi abandonado, porém, pela mulher, apesar do cuidado que dispensava à família; e, no intuito de buscar um amparo para os filhos que lhe ficaram, fez vida de casal com Maria Philomena, moradora no alio da Floresta.

Não foi mais feliz com esta, entretanto; e hontem pela madrugada apanhou-a em flagrante delicto de infidelidade com um outro, que segundo parece, lhes alugava a casa e entendia poder estender por isso os seus direitos até os moradores.

Os resultados sabe-se; Oliveira travou de um pao e espancou a mulher."

(DIÁRIO DE MINAS 13/06/1902)

Espancadas, humilhadas, por vezes ainda maltratadas por policiais que as socorrem, as mulheres pagam o preço da transgressão; isso quando não são brutalmente assassinadas. Tais notícias aparecem com freqüência nos jornais de Belo Horizonte ao lado de outras, não menos bárbaras: violências contra a mulher, esterilização de mulheres, venda da honra, além de muitas notícias de estupro.

3.6. A mulher violenta: feitiçarias e crimes passionais

Fragilidade, submissão, afetividade, vocação materna, essas são algumas das características atribuídas às mulheres no período, em oposição a uma natureza masculina autoritária, racional, dotada de uma sexualidade sem freios. Porém, por vezes, o comportamento feminino diferia daquele veiculado pela ideologia dominante. A mulher tem sempre que se conformar. Reações trágicas por parte das mulheres ocorriam devido à ruptura das relações afetivas, por saberem da existência de outra mulher, ciúmes.

"Foi recolhida a cadeia de Campo Bello a ré Maria Matta, autora do bárbaro assassinato na pessoa de seu marido Joaquim Tundá, crime este praticado há doze annos mais ou menos."

(DIÁRIO DE MINAS 13/05/1900)

Ao ler essa notícia com mais cuidado, salta-nos aos olhos o tratamento diferenciado dado pela imprensa aos crimes cometidos por homens e àqueles cometidos por mulheres. As notícias de violência contra as mulheres não dizem o que aconteceu aos homens criminosos, mas quando são as mulheres as agentes dos crimes a notícia inicia-se informando aos leitores que as criminosas já foram detidas.

Furtos, estelionatos, feitiçaria, falsos milagres também fazem parte dos crimes cometidos pelas mulheres, sem falar de assassinatos de recém-nascidos, crimes brutalmente cometidos pelas próprias mães. Afinal, numa sociedade regida pelos preceitos de uma rígida moral católica, pouco espaço havia para filhos de mães adúlteras ou mães solteiras. É em nome dessa moral que se abre verdadeiro fogo cruzado contra a prostituição e a vagabundagem. As páginas dos jornais testemunham a repreensão e a detenção

dessas vadias que "nas proximidades do teatro Soucassaux ofendiam o decoro público".

3.7. A mulher vestida: moda e sedução

Vestir-se é um assunto sério que ocupa, tanto nos orçamentos como nas consciências, um lugar importante: qual é a melhor maneira de se vestir para não chocar, para seduzir, para parecer o que se desejaria ser, para esconder o que somos? A moda não é mera manifestação de futilidade, tem implicações políticas, econômicas e sociais. Assim, as mudanças da moda dependem da cultura e dos ideais de uma época. A necessidade social da moda é óbvia. Pelo vestuário a pessoa situa-se no mundo, apresenta-se, distinguindo-se dos outros grupos: antes de qualquer gesto, de qualquer palavra, mostra-se por intermédio do vestuário a filiação a uma geração, uma posição social, um **status** econômico, uma educação, até mesmo uma personalidade, um estado de alma, real ou postíço.

Gilda de Mello e Souza (1987) mostra-nos, em seu livro, em uma análise da evolução do vestuário no século XIX, que a moda afastou o grupo masculino do feminino, conferindo a cada um formas diferentes e um conjunto de tecidos e cores restrito para o homem, abundante para a mulher, exilando o primeiro numa existência em que a beleza está ausente, enquanto afoga a segunda em fofos e laçarotes.

Para o grupo feminino, a moda continua sendo, em fins do século XIX e início do século XX, a grande arma da mulher no jogo da sedução e na afirmação como indivíduo dentro do grupo. A moda representava para as mulheres um meio lícito de expressão. A melhoria das vias de comunicação e o número crescente de figurinos - cujas pranchas de moda eram cuidadosamente descritas pelos jornais - possibilitaram a difusão da moda, fazendo com que não fosse monopólio de uma classe. O centro urbano fornecia com mais facilidade, e mais baratos, a fazenda, a renda, o chapéu e o vestido feito.

Os jornais belorizontinos, em resposta aos anseios femininos, retratavam em suas páginas essa preocupação com a moda feminina. Assim, temos em uma seção de anúncios, diversas propagandas que buscam atrair a atenção e atender aos caprichos das leitoras, consumidoras em potencial. As lojas da capital anunciam o seu completo sortimento de fazendas finas, chapéus, meias, etc. Encontramos também anúncios de oficinas de costura, garantindo prontidão e perfeição na confecção dos vestidos pelas modistas.

"Moda" é o título da seção assinada por Carmen del Pilar e, mais tarde, por Lucília Alvares, no jornal DIÁRIO DE MINAS. Trata-se de um espaço (único no jornal) dedicado exclusivamente às mulheres. A coluna da moda é composta apenas por texto escrito, não há nenhuma ilustração, por isso, o texto das matérias é descritivo e retórico: descrevem-se os menores detalhes do modelo e as minúcias dos acabamentos, numa linguagem pontuada por termos em francês e com inúmeras imagens literárias. Além de descrever detalhadamente os modelos, a cronista tece considerações sobre o uso conveniente de cada um deles, alertando ainda para os cuidados com os exageros, pois a mulher deveria ser elegante mas sem ostentações ou vulgarizações. Percebe-se uma preocupação em seguir os padrões morais da época (Igreja Católica) e, se podemos ousar dizer, uma preocupação com a "moralidade da moda". A tarefa era trazer às leitoras belorizontinas as últimas novidades em termos de moda, moda essa que a civilização impôs à mulher como condição de ser bela.

As colunas e notas sobre moda traziam para os jornais um outro público: as mulheres, como leitoras e como escritoras. Tais colunas eram sempre assinadas por mulheres - Carmen, Lucília, Jardineira Honorária. Será que eram mesmo mulheres ou apenas

pseudônimos, escondendo assim a identidade de um homem? Pouco importa, pois o que nos interessa é que essa coluna se dirigia a um público feminino e, como não poderia deixar de ser, o assunto era moda. Não muda apenas o sexo do autor, o tema, mas, ao que nos parece, o estilo da escrita, muito mais próximo à literatura, dando um tom de sensualidade ao jornal.

Por fim um trecho de uma nota sobre moda do jornal A VIOLETA. Este parece ser um bom exemplo desse jeito de escrever, que não sei se é um "jeito feminino", mas que desnuda sensualmente o corpo da mulher em meio a trechos moles e transparentes... numa linguagem doce, envolvente e profundamente sensual.

"E vamos lá, minhas senhoras, por mais graves e severas que sejamos, experimentarmos tal ou qual sensação de goso ao sentirmo-nos vestidas com certa elegância e portadoras na nossa toilette de uma novidade qualquer. Ora é uma gaze crespa, que, colocada sobre nobreza ou setim, atenua o lustro forte da seda mas deixa, na transparencia dos fios, perceber-se a cor e conhecer-se delicadamente, com um requinte de bom gosto apurado, que lhe é excelente a seda ou setim que está meio encoberto."

(A VIOLETA 09/09/1900)

3.8. As mulheres e a esfera pública

As mulheres participam da vida social desenvolvendo atividades nobres e que lhes eram permitidas: saem de casa e agem na cidade praticando a caridade ou a filantropia. Afinal, não era o altruísmo próprio da "natureza feminina"? E os jornais de Belo Horizonte noticiavam as barraquinhas realizadas pelas distintas senhoras da nova capital em prol da construção da Igreja de Lourdes ou dos menores carentes. São elas também que fazem donativos às instituições de caridade e à Santa Casa. Praticando o bem e cumprindo os deveres cristãos elas ganham a aprovação da sociedade.

Elas estão, quando crianças, nas festas católicas em comemoração ao mês mariano, vestidas de anjo coroando a Virgem. Outras festas contavam também com a presença feminina. São as festas cívicas em comemoração à Lei Áurea, aos 15 de novembro ou ao 21 de abril. As mulheres aparecem na solenidade recitando poesias ou desfilarão em procissão cívica com as bandeiras dos estados.

Finalmente os bailes, ponto alto da sociabilidade na época. Os jornais registram com detalhes cada um desses eventos. O baile é um local de encontro entre os sexos, separados pela cidade. Momento de grande expectativa, mas é preciso que seja assim, pois a festa pode ser a lenta antecâmara do casamento, transformando o salão em lugar de sedução e conquista, conversas a dois e confissões veladas.

Para Michelet Perrot a mulher é, na cidade do século XIX, o espetáculo do homem.

"A mulher enfeita a cidade como enfeita a casa (retratos de mulher, fotos de mulher), as igrejas (culto de Virgem Maria). Visualmente, a mulher está tanto mais presente quanto mais existe a tendência de limitar seu papel e sua presença por outras vias."

(PERROT, 1988, p. 219)

Isso é também válido para Belo Horizonte, que tem em suas praças diversas estátuas de mulher e, em suas igrejas, o culto mariano. As mulheres estão, elas mesmas, em carne e osso, desfilarão com graça suas **toilettes** e enfeitando os ricos salões da cidade. Mas será que a presença feminina fora da reclusão do

privado se resume apenas em enfeitar? A resposta é rápida: NÃO. Essa certeza nos vem mais uma vez dos jornais, eles nos informam da mulher que vê, que aspira e que pede. A coluna de requerimento junto à Prefeitura nos oferece os mais diversos exemplos de pedidos e reclamações das mulheres. Tais solicitações nos revelam parte de um universo de aspirações e luta das mulheres. Licenças para construir um barracão, operárias pedindo um lote ou as mais diversas solicitações para trabalharem: como negociantes de secos e molhados, para a venda dos produtos de sua lavoura, para abrir uma casa de pensão, abrir um boteco ou para vender doces em tabuleiro. Essas solicitações nos colocam diante de mulheres participando, pedindo e trabalhando. As seções de anúncios e propaganda mostram-se como uma rica fonte para penetrarmos no mundo do trabalho da mulher. É evidente que seu campo de atuação é restrito, tolhido pela moral e pelo poder masculinos. As profissões que vemos relacionam-se, muitas vezes diretamente, com dois outros papéis sociais da mulher: mãe e dona de casa, pois se não tinham muitas oportunidades de aprender um ofício elas tinham que fazer o que já sabiam e, sobretudo, o que era permitido. Cozinheiras, amas de leite, costureiras, modistas e professoras: atividades femininas cujo *status* e remuneração eram bastante inferiores e que assim não ameaçavam as nobres atividades masculinas.

3.9. A mulher escreve

Como já dissemos, os jornais de Belo Horizonte, no período que analisamos, são todos eles editados e escritos por homens, mas, nem por isso, atividade exclusivamente masculina. As mulheres também escrevem. Vemos sua participação nos jornais da capital, com poemas ou com a coluna "Moda".

Os jornais publicam também notas sobre o lançamento de livros e jornais escritos por mulheres. Esses jornais editados por mulheres e a elas dirigidos, além de inocentes e românticos versos, levantavam a bandeira sufragista e lutavam pela educação como suporte de sua emancipação e ameaçavam... à medida que questionavam os papéis tradicionalmente atribuídos à mulher e apontavam para a construção de uma nova identidade feminina.

"Visitou-nos também a VOZ FEMININA, ORGAM DOS DIREITOS DA MULHER, LITTERARIO E NOTICIOSO, que se publica quinzenalmente em Diamantina sob a redação das gentis senhoritas Clelia Correia Rabello, Zélia Correia Rabello e Nícia Correia Rabello. Longas e inúmeras prosperidades desejamos às inteligentes propugnadoras da emancipação, embora julguemos que o círculo de aspirações da donzella cristã, deve limitar-se aos misteres honrosíssimos do lar doméstico, como esposa, como mãe e como filha."

(LOTUS 15/05/1900)

Os colegas da capital parabensam pela iniciativa mas... reafirmam veementemente não ser esta uma atividade própria a donzelas cristãs, aconselhando as senhoritas não se envolverem com a chamada causa feminista. Sua participação deveria se resumir a espaços concedidos para apresentarem seus poemas e textos literários sem ultrapassarem os limites permitidos.

3.10. A educação da mulher

A questão da educação das mulheres aparece nos jornais

belorizontinos através dos diversos anúncios de colégios em todo o Estado ou em notas publicadas com os nomes das formandas das Escolas Normais. Poder-se-ia perguntar: mas são apenas anúncios, propagandas, o que têm de importante? Muitas coisas... Em primeiro lugar tais notícias nos apontam QUEM educavam as meninas. Até o ano de 1903 a educação das mulheres em Belo Horizonte se dava em escolas públicas ou em escolas particulares, e consistia, na verdade, em aulas ministradas por conhecidas senhoras, como as irmãs Cassão ou a senhora Maria Ribeiro Olivieri. Os colégios religiosos femininos ainda estão por vir.³ Além dos colégios da capital, vemos anúncios de escolas do interior, muitas delas católicas, como o Colégio da Providência, de Mariana.

Outro aspecto importante, que podemos analisar nos anúncios, diz respeito aos cursos e disciplinas oferecidas. Este ponto é essencialmente importante para nós, pois mostra uma concepção de educação feminina. As escolas de Belo Horizonte ofereciam curso primário e secundário, música e prendas femininas, como flores, rendas, confecção de vestidos e serviço doméstico. No anúncio do Colégio da Imaculada são listadas todas as disciplinas do curso secundário:

"portuguez, francez, geographia, arithmetica historia profana, historia sagrada, historia natural, geometria, desenho, pedagogia, economia domestica, musica (piano e canto) e trabalhos."

(TRIBUNA CATHOLICA 19/03/1900)

Estava a educação pois "completa: religiosa, moral, civica e doméstica", nos dizeres do próprio anúncio.

4. Reflexões

Os jornais analisados puderam contribuir para compreender-se a representação da mulher, à medida que, simultaneamente, deixaram transparecer e mostraram como era percebida a situação da mulher, afetada pela emergência de um quadro urbano em construção, consolidação e transformação. O período destacado ((1895-1903) também representa um momento de grande efervescência de idéias e paradigmas: a convivência/confronto de um ideal republicano pretensamente laico, com uma forte tradição católica - impregnada na vida e na mentalidade do povo.

Mas será que tais mudanças foram também tão velozes no que diz respeito à representação da mulher? Será que positivistas e republicanos conseguiram realmente criar e difundir uma outra imagem de mulher, oposta ao modelo católico da Virgem? Se o modelo católico e o modelo positivista de mulher possuíam alguns pontos divergentes (mas não conflitantes), a aproximação da idealização feminina de ambos é bastante evidente; os papéis que ambos reservavam às mulheres são os mesmos - mãe, esposa e filha, assim como as qualidades que lhes são próprias - amor incondicional, fidelidade, domínio da emoção sobre a razão, caridade ou altruísmo - é dever da mulher servir e fazer o bem sem nada pedir em troca.

A partir da leitura dos jornais podemos perceber a emergência de uma imagem de mulher ideal que toca muito de perto esses dois modelos: o mito da maternidade e a exaltação de qualidades consagradas como femininas levam-nos à aproximação das duas mulheres ideais: a Virgem Maria e Clotilde de Vaux. Mas, ao mesmo tempo, a imprensa registra a presença da mulher (agora não mais abstrata) nas ruas, no trabalho, nas escolas e na própria imprensa. Muitas vezes tal presença é percebida como ameaçadora à imagem feminina dessa época. Percebe-se que a representação da mulher construída a partir dessas duas grandes matrizes ideol-

3 O primeiro colégio religioso feminino de Belo Horizonte foi o Colégio Santa Maria, fundado em 1903 pelas irmãs dominicanas.

lógicas assume, nos jornais, um caráter pedagógico e moralizante e aquelas que fogem ao modelo são marginalizadas e punidas.

Dos fins do século XIX até hoje muita coisa mudou. Não há como negar que a mulher hoje conquistou espaços importantes,

como o direito ao voto ou a presença maciça nas universidades. Mas é preciso lembrar que nem tudo mudou, alguns elementos desse imaginário acerca da mulher permanecem e, mais do que isto, **INSISTEM** em ficar.⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICALHO, Maria Fernanda. O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (org.). **Rebelião e submissão**; estudos sobre a condição feminina brasileira. São Paulo: Vértice, 1989, p. 79-99.
- BUTTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**; a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.
- CALIMAN, Cleto (org.). **Teologia e devoção mariana no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**; o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JOÃO PAULO II. Carta Enc. **Redemptoris Mater**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- LINHARES, Joaquim Nabuco. **A imprensa em Belo Horizonte**. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 8, p. 585-608, jan./jun. 1908.
- LOPES, Eliane Marta S. Teixeira. Uma contribuição da história para a história da educação. **Em aberto**, Brasília, n. 47, p.29-35, jul./dez. 1990.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MENDES, Teixeira. **A preeminência social e moral da mulher**. Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editorial, 1920.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4**; da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**; a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

4 Tomo essa idéia emprestada de LOPES (1990). Nesse trabalho a autora expõe uma idéia que vai além da oposição novo/velho, permanente/cambiante: a noção de PREGNÂNCIA.